

# MEMORIAL

**Elie Cheniaux Jr.**

Professor associado

Faculdade de Ciências Médicas

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Setembro de 2019

**SUMÁRIO**

PRÓLOGO .....	p. 3
DADOS PESSOAIS E FAMILIARES .....	p. 3
O PERÍODO PRÉ-UNIVERSITÁRIO .....	p. 4
O ensino fundamental .....	p. 4
O ensino médio .....	p. 5
A escolha da profissão .....	p. 6
A escolha da universidade .....	p. 7
A FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA .....	p. 8
Graduação em medicina .....	p. 8
Residência médica .....	p. 9
Mestrado e doutorado .....	p. 11
A FORMAÇÃO PSICANALÍTICA .....	p. 12
O EXERCÍCIO PROFISSIONAL COMO MÉDICO .....	p. 13
ATIVIDADES COMO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO E	
PESQUISADOR .....	p. 15
Sala de aula .....	p. 15
Coordenação de sessões clínicas e centro de estudos .....	p. 16
Supervisão de médicos residentes .....	p. 17
A psicopatologia .....	p. 17
A interface psicanálise/neurociência .....	p. 21
O laboratório de transtorno bipolar .....	p. 24
Orientação de alunos de iniciação científica, residência médica, especialização, mestrado e doutorado .....	p. 27
A arte e os artistas para ensinar a psiquiatria .....	p. 28
UMA CARREIRA EM PARALELO: ESCRITOR .....	p. 31
PERSPECTIVAS .....	p. 32
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	p. 33

# PRÓLOGO

Este memorial é apresentado como um requisito referente à minha solicitação à promoção funcional à categoria de professor titular. Em paralelo a isso, a sua elaboração criou para mim uma oportunidade bastante interessante. Em primeiro lugar, permitiu-me vislumbrar retrospectivamente décadas de uma trajetória profissional, e também pessoal. Essa viagem ao passado me fez recuperar lembranças que pareciam perdidas e reativou sentimentos que estavam adormecidos. Pude recordar minhas expectativas e sonhos, alegrias e frustrações, e fiz uma autoavaliação crítica, um balanço de minhas decisões, de meus acertos e erros. Além disso, a elaboração deste memorial me deu a chance de render homenagens aos professores que tive, que muito me ensinaram, influenciaram, incentivaram e inspiraram. Se, por um lado, este memorial se baseou em dados objetivos, no factual, por outro, possui um caráter subjetivo, afetivo e até confessional.

## DADOS PESSOAIS E FAMILIARES

Nasci em 12 de julho de 1965, na cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro. Sou filho de Elie Cheniaux, de quem herdei o nome, e de Sonia de Oliveira Ferreira Cheniaux, ambos já falecidos. Meus avós paternos eram judeus da antiga Palestina, que imigraram para o Brasil na década de 1930. Meu avô paterno e os irmãos, por algum motivo desconhecido, ao chegarem ao nosso país, afrancesaram o sobrenome “Ginio”, transformando-o em “Cheniaux”.<sup>1</sup> Meus avós maternos eram brasileiros mesmo.

Meu pai foi bancário e, depois, administrador de condomínios. Diferentemente, minha mãe seguiu carreira acadêmica. Ela era assistente social e, durante muitos anos, foi professora de serviço social na Universidade Veiga de Almeida, no Rio de Janeiro. Também foi professora substituta na

---

<sup>1</sup> A história da família foi contada em um livro, escrito por uma prima distante: Salem T. Família Ginio-Cheniaux: da Espanha ao Brasil. Rio de Janeiro (sem editora), 2015.

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 1981, recebeu o título de mestre na Escola de Serviço Social da UFRJ, defendendo a dissertação intitulada *Trapaceados e trapaceiros: um enfoque do serviço social sobre os menores de rua*. No ano seguinte, a dissertação foi transformada em livro.<sup>2</sup> Tanto a dissertação como o livro foram dedicados ao meu pai e a mim. Adolescente nessa época, é provável que as atividades de minha mãe tenham feito semear em mim o desejo de um dia igualmente ser professor universitário e autor de livros.

Violeta Cheniaux, atualmente aos 80 anos, irmã do meu pai, também seguiu carreira acadêmica. Foi professora da Escola de Museologia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Lá, criou o primeiro laboratório específico de conservação preventiva do Brasil, o qual, em homenagem a ela, recebeu o nome de *Núcleo de Preservação e Conservação Violeta Cheniaux*. Em 1991, na própria UNIRIO, concluiu o mestrado em administração de centros culturais. A sua dissertação recebeu o título de *A formação do museológico no controle da luz e da umidade para a conservação de acervos: um estudo a partir de museus da fundação de artes do Rio de Janeiro*.

Não tive irmãos. Meu único filho, Rafael Cheniaux, de 23 anos, no momento cursa direito na Universidade de Coimbra, em Portugal.

## O PERÍODO PRÉ-UNIVERSITÁRIO

### **O ensino fundamental**

Embora eu tenha nascido em Niterói, sempre morei no Rio de Janeiro, e sempre em Copacabana. Em função disso, cursei todo o ensino fundamental, o antigo primeiro grau, no bairro de minha residência, em duas escolas privadas.

---

<sup>2</sup> Cheniaux S. *Trapaceados e trapaceiros: o menor de rua e o serviço social*. São Paulo: Cortez Editora, 1982.

O antigo primário, da primeira à quarta série, foi feito no Instituto Santa Filomena, um colégio não religioso e misto, entre 1972 e 1975. Lá, tive certa vez como dever-de-casa ler um livro, o primeiro que li na vida. Foi *As letras falantes*, de Orígenes Lessa, que foi membro da Academia Brasileira de Letras e – como eu descobriria mais tarde - fazia aniversário no mesmo dia que eu. Também foi nessa escola que a minha turma recebeu para uma conversa o autor de outro livro que havíamos lido. Não me lembro qual foi o livro, muito menos o nome do escritor, mas me recordo de, na ocasião, achar muito especial a oportunidade de ouvir do próprio autor comentários sobre a obra que eu acabara de ler.

Já o antigo ginásio, da quinta à oitava série, cursei no Ginásio Guido de Fontgalland – atual Colégio Guido de Fontgalland -, católico e só para meninos, entre 1976 e 1979. Eu me destacava quanto ao desempenho acadêmico e, em função disso, ganhei duas ou três medalhas, que guardo até hoje. Certa vez, não me lembro em que série, a professora de língua portuguesa mandou que lêssemos *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Isto foi particularmente marcante para mim, por dois motivos. Primeiro, porque o livro se tornou o meu favorito desde então – e continua a ser. Além disso, na prova escrita que fizemos sobre ele, dei uma resposta que, se fosse hoje, eu repetiria. A pergunta era se Capitu havia mesmo traído Bentinho ou não. Respondi que não havia como saber e que isso era justamente a graça do romance. Como base nessa ideia e apoiado em um livro do grande psiquiatra José Leme Lopes sobre Machado,<sup>3</sup> atualmente, em aulas de psicopatologia, cito a crença inabalável de Bentinho quanto ao adultério de sua esposa como um exemplo de delírio de conteúdo possível que eventualmente coincide com a realidade.

### **O ensino médio**

Cursei o ensino médio, o antigo segundo grau, no Colégio Santo Agostinho, no Leblon, entre 1980 e 1982. Como o Guido, era uma escola privada e católica, mas o corpo discente era misto. O Santo Agostinho era, e

---

<sup>3</sup> Leme-Lopes J. A psiquiatria de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

ainda é, considerado uma das melhores escolas do Rio de Janeiro, e, para ingressar lá, tive que participar de um concurso de seleção, com provas de português e de matemática.

Nos dois primeiros anos, tive um bom desempenho. Todavia, foi na terceira série que me destaquei. Naquele ano, nos três simulados do vestibular, a minha colocação ficou entre o sexto e o oitavo lugares entre os cerca de 250 alunos.

### **A escolha da profissão**

No Santo Agostinho, o aluno tinha que escolher uma entre três áreas - humanas, biomédica ou tecnológica – de acordo com a carreira que iria seguir. Estas áreas se distinguiam em função das disciplinas ministradas ou das cargas horárias destas. No início do ensino médio, eu não tinha ideia do que gostaria de fazer na vida profissional e acabei optando pela área tecnológica. Coerentemente com isso, as minhas notas em matemática e física eram superiores às médias da turma. Por outro lado, em química e biologia, o meu desempenho não era tão bom. Assim, não seria de se esperar que eu optasse por medicina.

Na verdade, mais do que médico, eu queria ser psicanalista. Fiquei em dúvida entre o curso de medicina e o de psicologia, requisitos necessários para a formação psicanalítica, e, por fim, decidi tentar o primeiro.

Mas de onde veio o meu interesse pela psicanálise? Essencialmente da arte. Um aspecto comum entre os artistas e obras artísticas que me atraíam durante a adolescência era a presença de personagens ou situações de alguma forma relacionadas à psicologia, à psicanálise ou à psiquiatria. Por exemplo, como nos mostra o já mencionado livro de Leme Lopes, os romances e contos de Machado de Assis estão repletos de “loucos”. Além do delirante Bentinho, de *Dom Casmurro*, podem ser mencionados, entre muitos outros, Quincas Borba, que dá o próprio nome ao seu cachorro, e o alienista Simão Bacamarte, que interna quase todos os habitantes de Itaguaí na Casa Verde, para depois libertá-los e se internar no

mesmo lugar. Nas peças de Nelson Rodrigues, são explícitos diversos elementos e conceitos psicanalíticos, como, por exemplo, o complexo de Édipo em *Álbum de família*, além de uma infinidade de comportamentos patológicos: suicídios, automutilações e assassinatos. Nos filmes de Alfred Hitchcock, meu cineasta favorito, os transtornos mentais aparecem com frequência, como a acrofobia de Scottie (James Stewart), em *Um corpo que cai*, e o quadro dissociativo de Norman Bates (Anthony Perkins), em *Psicose*. Em *Quando fala o coração*, também do “mestre do suspense”, Ingrid Bergman faz o papel de uma psicanalista. Woody Allen, em seus primeiros filmes, como ator, tipicamente fazia o papel de “neurótico”: ansioso, depressivo, hipocondríaco, inseguro, tímido. Além disso, em sua obra cinematográfica não faltam psicanalistas, terapeutas, psiquiatras e pacientes. Por fim, eu não poderia deixar de citar o filme *Freud: além da alma* (1962), dirigido por John Huston, com Montgomery Clift no papel de Sigmund Freud, que narra o início da psicanálise, o qual vi pela primeira vez aos dezesseis anos.

### **A escolha da universidade**

Ao final do segundo ano do ensino médio, para ganhar experiência, eu havia prestado as provas do unificado da CESGRANRIO e consegui me classificar para a Faculdade de Medicina de Petrópolis. Assim, eu estava muito otimista quanto a passar para uma universidade pública quando viesse a fazer o vestibular “pra valer”. E foi o que aconteceu. Conquistei uma vaga para o curso de medicina da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que eu tinha colocado como primeira opção na inscrição. Com os pontos que obtive, poderia ter ingressado na UFRJ, mas esta foi a minha segunda opção.

Eu praticamente não tinha informações sobre os cursos da UERJ, da UFRJ ou da Universidade Federal Fluminense (UFF), e a UNIRIO fazia na época um vestibular isolado. A minha escolha pela UERJ se deveu a fatores, digamos, geográficos. Ainda não existia a Linha Vermelha, que dá acesso à Ilha do Fundão, e a UERJ ficava mais perto de casa e ainda contava com uma estação do metrô em suas proximidades. Além disso, a UERJ é ao lado do

estádio do Maracanã. Eu imaginava que, após um dia inteiro de aulas, eu poderia sair direto da universidade e ir a pé ver um jogo do Flamengo, que contava com o Zico e tinha sido campeão mundial recentemente. No entanto, por ironia, durante os seis anos do curso, jamais fiz isso.

## A FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

### **Graduação em medicina**

Cursei medicina na Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da UERJ, no período de 1983 a 1988. Comecei a me interessar pela psiquiatria quando passei por essa disciplina, no quarto ano. Foi no então chamado Serviço de Psiquiatria e Psicologia Médica do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) da UERJ que tive os primeiros contatos com pacientes com transtornos mentais. Fiquei favoravelmente impressionado com a estrutura física da enfermaria: uma vila de pequenas casas, que em nada lembrava um hospital. Recordo-me de, nesse período de iniciação, ter jogado ping-pong contra uma paciente que estava internada, a qual, em função de intensa rigidez muscular, mal conseguia acertar a bolinha com a raquete. Apenas um bom tempo depois fui compreender que ela apresentava um quadro de parkinsonismo medicamentoso.

Tive aulas principalmente com o prof. Paulo Pavão, que foi muito marcante em minha trajetória. Acredito que ele, que me ensinou a apreciar os autores clássicos da psiquiatria e foi sempre muito acolhedor e afetuoso em relação aos alunos, fez despertar em mim o gosto pelo ensino. Motivado pelas aulas, passei a frequentar as atividades do internato em psiquiatria, coordenado por esse mesmo professor, embora eu estivesse ainda no quarto ano. Isso continuou no ano seguinte, e, no sexto ano, fiz na psiquiatria um estágio oficial do internato. Foi também durante o último ano do curso de medicina que atuei como monitor da disciplina de psiquiatria. Ainda no internato, passando pela obstetrícia, apresentei um seminário sobre psicose puerperal.



## **Residência médica**

Fiz o curso de residência médica em psiquiatria, do início de 1989 ao final de 1990, no Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB). Prestei concurso apenas para lá. Na época, o programa de residência do IPUB era considerado o melhor do Rio de Janeiro e, provavelmente, do Brasil. Além disso, era uma instituição de enorme tradição. O local onde hoje se encontra o IPUB corresponde a dois anexos do antigo Hospício Pedro II, inaugurado em 1852, na Praia Vermelha, que foi o primeiro hospital psiquiátrico do Brasil. Juliano Moreira, considerado o fundador da psiquiatria científica no nosso país, foi diretor do Hospício Pedro II. José Leme Lopes, por sua vez, tido como o pai da moderna psiquiatria brasileira, foi diretor do IPUB e professor catedrático.<sup>4</sup> Tive o privilégio de assistir a uma palestra do prof. Leme Lopes no IPUB, durante o meu curso de residência, poucos meses antes de seu falecimento. Foi no principal auditório da instituição, o qual já havia sido batizado com o seu nome. Com mais de oitenta anos de idade, o velho mestre ainda impressionava, da mesma forma que havia impressionado seus discípulos diretos e contemporâneos do Brasil e de outros países.

Uma importante vantagem da residência médica no IPUB era poder acompanhar um grande número de pacientes. As enfermarias masculina e feminina contavam com cinquenta leitos cada uma. Assim, durante os dois anos de residência, eu raramente assistia ao mesmo tempo menos de cinco pacientes internados, fora os muitos casos do ambulatório.

No primeiro ano, tive como supervisor o prof. Márcio Amaral, que era também o coordenador do programa de residência médica. Nas supervisões, um residente entrevistava um paciente diante dos colegas e do professor, o qual, além de discutir o caso, corrigia o entrevistador. Aprendi muito com as correções, e, no futuro, iria adotar esse modelo nas minhas atividades como supervisor de médicos residentes.

---

<sup>4</sup> Vide: Arruda E. Resumo histórico da psiquiatria brasileira. Rio de Janeiro: JC editora, 1995.

O prof. Márcio Amaral era bastante crítico em relação ao excesso de diagnósticos de esquizofrenia e tinha uma tendência maior que a maioria dos professores a identificar casos de transtornos do humor, especialmente de transtorno bipolar. Essa postura influenciou a minha prática psiquiátrica e fez com que eu me interessasse especialmente pelas questões do diagnóstico diferencial e dos limites entre a esquizofrenia e os transtornos do humor. Eu fiz isso, publiquei junto com o prof. Márcio Amaral um artigo sobre o tema.<sup>5</sup>

O prof. Theodor Lowenkron, psicanalista, foi o nosso supervisor de psicoterapia no primeiro ano. Durante a residência, colaborei com o estudo que ele desenvolvia sobre psicoterapia psicanalítica breve, e publicamos juntos um artigo sobre o assunto.<sup>6</sup>

Considerando toda a minha vida, nunca estudei tanto psiquiatria quanto no período em que estava fazendo a residência. Eu morava com meus pais, que me sustentavam, e ainda recebia a bolsa da residência. Assim, eu não tinha a necessidade de dar plantões fora para complementar a renda e podia me dedicar intensamente aos livros de psiquiatria. Depois disso, o tempo se tornou um elemento sempre escasso.

Durante a residência no IPUB, a convite do prof. Pavão, ministrei algumas aulas na UERJ, atuando como professor voluntário. Foram aulas de psicopatologia, psiquiatria clínica e psicofarmacologia, para os alunos do internato médico em psiquiatria, e de psicopatologia e psicopatologia dinâmica, para os da graduação em medicina. Sem dúvida esta experiência foi o que me fez decidir tentar ingressar na carreira acadêmica, o que, até então, era impensável, em função de minha timidez e consequente dificuldade de falar em público.

---

<sup>5</sup> Amaral M, Cheniaux E. Psicoses com características afetivas e esquizofreniformes simultâneas. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 41(6):297-302, 1992.

<sup>6</sup> Lowenkron TS, Cheniaux E. O Ensino da Psicoterapia Psicanalítica: a indicação e o relato de uma terapia de tempo breve. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 39 (5):266-71, 1990.

## Mestrado e doutorado

Cursei mestrado e doutorado no Programa de Pós-graduação em Psiquiatria e Saúde Mental (PROPSAM) do IPUB-UFRJ, recebendo em ambos uma bolsa da CAPES. A dissertação de mestrado foi defendida em 1993, e a tese de doutorado, em 1997. Tanto a dissertação como a tese tiveram como tema a síndrome pré-menstrual. Interessei-me pelo estudo dessa condição clínica basicamente por dois motivos: a predominância de alterações do humor entre os sintomas; e a interface com outra especialidade médica, a ginecologia. Os estudos clínicos foram realizados nos ambulatórios de ginecologia e de psiquiatria do HUPE-UERJ e do Centro Municipal de Saúde Manoel José Ferreira, este também no Rio de Janeiro, no Catete.

Os resultados dos estudos foram publicados em alguns artigos científicos<sup>7</sup> e no que seria o primeiro livro de minha autoria: *Síndrome pré-menstrual: um ponto de encontro entre a psiquiatria e a ginecologia*, pela Editora da UERJ (EdUERJ), em 2001.

Tanto no mestrado como no doutorado, tive o privilégio de ter sido orientado pelo prof. Miguel Chalub. Conheci-o na UERJ, onde foi meu professor na graduação, mas, na época, ele também era docente na UFRJ. Grande orador, dono de uma erudição invejável e profundo conhecedor da língua portuguesa, o prof. Chalub é uma das pessoas mais generosas que já encontrei na vida. O seu currículo acadêmico impressiona, entre outras coisas, por ele ter se graduado em psicologia e filosofia, além de medicina, e se especializado em neurologia, além de psiquiatria. Não se pode deixar de mencionar que ele é um dos mais eminentes psiquiatras forenses de nosso país.

---

<sup>7</sup> O primeiro foi: Cheniaux E, Laks J, Chalub M. Síndrome Pré-Menstrual: possíveis relações com os distúrbios afetivos - Parte I. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 43(5):271-80, 1994.

# A FORMAÇÃO PSICANALÍTICA

Em 1989, quando ainda estava no primeiro ano do curso de residência médica, participei de seminários semanais sobre a teoria psicanalítica, coordenados pelo prof. Carlos Paes de Barros, em seu consultório. Ele era considerado um grande conhecedor da obra de Sigmund Freud, especialmente de seus trabalhos metapsicológicos e do *Projeto*. Paes de Barros, que durante muitos anos foi o diretor do departamento de psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), tinha um currículo ímpar: graduado em medicina, psicologia e física, empreendeu ainda estudos em filosofia, biofísica, meteorologia e aviação. Infelizmente os seminários ocorreram por apenas alguns meses, tendo sido interrompidos em função de problemas de saúde do professor, que já estava bastante idoso.

Após me submeter a um processo de seleção, em 1996 iniciei o curso de formação analítica da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), instituição filiada à International Psychoanalytical Association (IPA), fundada por Freud, com sede em Londres. O curso era constituído por seminários clínicos e teóricos, supervisão de casos e análise pessoal, e sua duração mínima era de cinco anos. Concluí a formação em janeiro de 2003, após cumprir a última exigência, a entrega de dois relatórios relativos a dois pacientes atendidos por mim sob supervisão.

Embora a psicanálise tenha sido a minha maior motivação para fazer medicina, a minha entrada na SPRJ como aluno só se deu quando eu já tinha me especializado em psiquiatria, trabalhava nessa área e cursava o doutorado no IPUB. Assim, vi com olhos muito críticos a formação analítica, o que não teria acontecido se eu tivesse ingressado antes. Eu me incomodava com o aparente desinteresse por parte de muitos membros da SPRJ em relação aos progressos da psicofarmacoterapia e das neurociências e ao emprego do método experimental na pesquisa.

Por outro lado, a formação analítica me tornou um psicoterapeuta melhor na minha prática psiquiátrica e me proporcionou uma compreensão mais ampla sobre o adoecimento mental. Além disso, na SPRJ pude conhecer o dr. Victor Manoel Andrade, ex-presidente da instituição, o qual por várias vezes atuou como docente em seminários teóricos para a nossa turma e foi meu supervisor em um caso clínico. O dr. Victor possui um conhecimento muito profundo da obra freudiana e, o que na época me agradou especialmente, estuda a interface entre a psicanálise e as neurociências, tendo publicado diversos artigos e livros<sup>8</sup> sobre o tema.

Terminada a formação, tornei-me membro da SPRJ. No momento estou licenciado, mas, enquanto estava ativo, ali atuei como docente do Instituto de Ensino da Psicanálise, membro da comissão científica e editor do periódico *Psicanalítica*, publicação oficial da SPRJ.

## O EXERCÍCIO PROFISSIONAL COMO MÉDICO

Como já mencionado, durante a residência médica, não tive emprego algum fora do IPUB, tendo podido me dedicar exclusivamente ao curso e à minha preparação para a seleção para o mestrado. No entanto, concluída a residência, logo em seguida assumi dois empregos públicos e um terceiro em uma clínica particular, além de iniciar o mestrado e o atendimento em consultório privado. Tudo isso ao mesmo tempo e em um momento em que saía da casa dos meus pais para, pela primeira vez, ir morar sozinho.

Aprovado para o cargo de médico (psiquiatra) no concurso público da Prefeitura Municipal de Petrópolis, trabalhei no pronto-socorro do Hospital Municipal Nelson de Sá Earp, entre 1991 e 1992. Muitas vezes eu saía com bombeiros ou policiais militares para atender emergências pela cidade, o que

---

<sup>8</sup> Entre eles: Andrade VM. Um diálogo entre a psicanálise e a neurociência: a “psicanálise maior” prevista por Freud torna-se realidade no século XXI como metapsicologia científica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

me passar por algumas “aventuras”. Uma delas foi o atendimento domiciliar de um rapaz de cerca de vinte anos de idade, que, em seu primeiro surto psicótico, acreditava que toda a sua família queria matá-lo. Para se proteger, ele matinha ao seu lado um enorme cão da raça fila, o que, a princípio, impedia que qualquer um se aproximasse.

Após aprovação no concurso público da Secretaria de Estado de Saúde do Estado do Rio de Janeiro, fui lotado no Hospital Estadual Psiquiátrico (atual Hospital Psiquiátrico de Jurujuba), em Niterói - RJ, entre 1991 e 1996. Em 1995, quando foi criado o programa de residência médica nessa unidade, assumi a função de preceptor, atuando como supervisor dos médicos residentes.

Aprovado no concurso público da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, atuei como psiquiatra no Centro Municipal de Saúde Manoel José Ferreira, no Catete, entre 1992 e 1998. Como já referido, realizei no ambulatório de ginecologia dessa unidade de saúde parte dos meus estudos sobre a síndrome pré-menstrual relativos à minha dissertação de mestrado e tese de doutorado.

Como funcionário concursado do Ministério da Saúde, entre em 1995 e 1998, fui psiquiatra do Centro Psiquiátrico Pedro II (atual Instituto Municipal Nise da Silveira), realizando atividades assistenciais em uma enfermaria de pacientes agudos.

Fui também aprovado em concursos públicos para médico do Instituto de Assistência dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro (IASERJ), em 1991, e da UFF, em 1994, mas não quis assumir os cargos.

Recebi o título de especialista em psiquiatria pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) e pela Associação Médica Brasileira (AMB), em 1994, e pelo Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro (CREMERJ), em 2003.

Desde 1998 até o presente, após aprovação em concurso, sou médico da UFRJ. Primeiro fui lotado na Divisão de Saúde do Trabalhador

(DVST), onde realizava atividades médico-periciais relativas a funcionários da universidade, e, depois, no IPUB.

Durante dezessete anos, o prof. Márcio Amaral, meu antigo supervisor no curso de residência médica, dividia o seu consultório particular comigo. Todavia, em 2013, realizei o sonho de adquirir uma sala comercial, que fica em Copacabana, quinze minutos a pé da minha residência. É lá, quando não estou nas universidades em que trabalho, que exerço as minhas atividades como médico na iniciativa privada.

## ATIVIDADES COMO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO E PESQUISADOR

### **Sala de aula**

Entre março de 1994 e março de 1998, atuei como professor substituto na disciplina de psiquiatria e psicopatologia da FCM-UERJ. Ainda em 1998, fui aprovado no concurso público para professor assistente de psiquiatria da FCM-UERJ, tendo tomado posse em 31/03/1998, aos 32 anos de idade. Posteriormente, fui promovido a professor adjunto e, mais tarde, a professor associado. Durante esses mais de vinte anos na UERJ, tenho ministrado aulas no curso de graduação em medicina – nas disciplinas de psicopatologia e de psiquiatria -, nos cursos de residência médica e de especialização em psiquiatria e na pós-graduação *stricto sensu* – no Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas (PGCM).

Paralelamente às minhas atividades na UERJ, venho mantendo o cargo de médico no IPUB-UFRJ. Lá, além de funções assistenciais, venho exercendo atividades docentes nos cursos de residência médica em psiquiatria, de especialização, de graduação em psicologia e, vinculado ao PROPSAM, de mestrado e doutorado.

Exerci ainda, sem vínculo empregatício, atividades docentes em outras instituições de ensino. Entre 2003 e 2006, fui professor no Curso de

Especialização em Psiquiatria da Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro, ministrando as seguintes disciplinas: Psiquiatria Clínica I e II e Modalidades Terapêuticas em Psiquiatria. Entre 2004 e 2006, ministrei a disciplina de psiquiatria no curso de pós-graduação *lato sensu* em hipnose da Sociedade de Hipnose Médica do Estado do Rio de Janeiro (SOHIMERJ). E, em 2015, ministrei aulas de psicopatologia no curso de graduação em psicologia da PUC-Rio.

### **Coordenação de sessões clínicas e centro de estudos**

De março de 1999 a março de 2001, fui o coordenador da sessão clínica da Unidade Docente-Assistencial (UDA) de psiquiatria do HUPE-UERJ. Nesta atividade, os médicos residentes ou especializando em psiquiatria apresentam casos clínicos, que são discutidos pelos colegas e professores.

Entre 2006 e 2013, coordenei o Centro de Estudos do IPUB-UFRJ. Entre os palestrantes externos ao IPUB convidados por mim, podem ser destacados os seguintes nomes: Roberto Lent, neurocientista, professor titular da UFRJ, ex-diretor do Instituto de Ciências Biomédicas (2007-2014) e membro titular da Academia Brasileira de Ciências; José Alberto Del Porto, psiquiatra, professor titular da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); Fernando Gabeira, jornalista, então deputado federal; e Ruy Castro, jornalista e escritor. O título da palestra do prof. Lent foi *Quantos Neurônios tem um Cérebro? Abalando Dogmas em Neurociência*. O prof. Del Porto, por sua vez, fez uma exposição sobre o transtorno bipolar. O tema da apresentação do Gabeira foi *A legislação na saúde mental*. Ruy Castro, por sua vez, falou sobre o alcoolismo de Garrincha e a dependência química de Carmen Miranda, ambos biografados por ele. Na época, eu já tinha lido alguns dos livros do Ruy Castro e era um grande admirador do seu trabalho. Durante o período em que exerci a coordenação, nenhuma outra sessão do Centro de Estudos teve uma plateia tão grande quanto a da sua apresentação.



## **Supervisão de médicos residentes**

Entre 1998 e 2000, fui preceptor do programa de residência médica em psiquiatria do HUPE-UERJ, atuando, nesse período como supervisor clínico dos médicos residentes.

No IPUB-UFRJ, de 1998 a 2004, fui supervisor de uma equipe clínica multidisciplinar de enfermagem, que contava com médicos residentes, psicólogos e assistentes sociais; e, entre 2004 e 2005, fui supervisor de psicoterapia no programa de residência médica em psiquiatria. Durante alguns anos também exerci a função de supervisor de médicos residentes no ambulatório geral do IPUB-UFRJ.

As atividades de supervisão de residentes eram bastante gratificantes para mim, pois aprecio muito examinar pacientes psiquiátricos e discutir os casos com alunos. Nas supervisões, além de discutir o diagnóstico e o tratamento dos pacientes, eu enfatizava o exame de cada função psíquica e a observação das alterações psicopatológicas encontradas.

## **A psicopatologia**

O meu interesse pela psicopatologia descritiva começou nas aulas práticas do quarto ano e do internato, na UERJ. Nos exames dos pacientes com o prof. Pavão, eu sempre questionava que alterações havia na memória, pensamento e demais funções psíquicas. Por outro lado, estudando sobre o tema nos livros-texto, chamavam-me a atenção as muitas divergências entre os autores. Eu notava que alguns conceitos eram adotados por alguns, mas ignorados por outros. Além disso, dependendo do autor, um mesmo termo estava relacionado a diferentes significados e uma mesma alteração psicopatológica recebia diversas denominações. Assim, eu sentia a falta de um livro que unificasse a linguagem na psicopatologia. Com o objetivo de preencher essa lacuna, resolvi escrever o *Manual de Psicopatologia*.

A primeira edição do meu livro *Manual de Psicopatologia* foi publicada pela editora Guanabara Koogan, do Rio de Janeiro, em 2002. No total, foram cinco edições, a mais recente em 2015, além de algumas reimpressões, com um total de mais de 15.600 exemplares vendidos até

março de 2019. Mas o número de leitores é bem maior, pois o livro é altamente pirateado. Eu mesmo já recebi o seu texto na íntegra em PDF por meio do aplicativo de celular *Whatsapp*. Através dos anos, o *Manual* tem sido incluído na bibliografia de diversos cursos de graduação e pós-graduação na área de psiquiatria e saúde mental e em diversos concursos em todo o Brasil, incluindo o concurso para a obtenção do título de especialista em psiquiatria pela ABP.

Tenho ouvido frequentemente de alunos e professores de diversas partes do país que o meu *Manual* é “muito didático”, o que considero um grande elogio para um livro... didático. Um desafio que a obra enfrenta é o de ser dirigido a iniciantes na área de saúde mental. Nesse sentido, certa vez um médico residente de Minas Gerais me disse que o meu *Manual* era “o primeiro amor na psiquiatria”. Sobre o seu comentário, ele me explicou mais ou menos o seguinte: na psiquiatria, o aluno começa o seu estudo pela psicopatologia; assim, gostar ou não desta disciplina vai ser decisivo para a sua opção de seguir a psiquiatria como uma especialidade.

Posteriormente à publicação do *Manual*, tive a oportunidade de escrever capítulos sobre a psicopatologia da depressão, do transtorno bipolar e da esquizofrenia em livros sobre esses transtornos mentais.

O *Manual* teve também alguma repercussão fora do Brasil, particularmente em Portugal. Em função disso, fui convidado pelo prof. Diogo Telles Correia, da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, para escrever um capítulo para o livro *As raízes do sintoma e da perturbação mental*, organizado por ele e que seria publicado pela editora Lidel, de Lisboa, em 2015. Cada capítulo é dedicado aos psiquiatras e à psicopatologia de um determinado país, e, no de minha autoria, *Escola brasileira*, abordo a vida e a obra de Juliano Moreira, José Leme Lopes, Augusto Luiz Nobre de Melo e Isaías Paim.

Em 2017, eu e o prof. Diogo Telles Correia fomos convidados pelo periódico internacional *Frontiers in Psychiatry* a atuarmos como editores de um “Tópico de pesquisa” sobre “Novas perspectivas em psicopatologia”, na

seção *Psychopathology*. No ano seguinte, nesta mesma revista, nós dois publicamos juntos um artigo sobre as alterações formais do pensamento.<sup>9</sup>

Fico especialmente feliz com a boa acolhida que tem recebido o meu *Manual* pelo fato de ele ter sido elaborado em um momento em que a psicopatologia havia perdido grande parte do seu prestígio, tanto no cenário nacional como no internacional. Nas últimas décadas, a atenção da psiquiatria está especialmente voltada para a psicofarmacoterapia, que se desenvolveu muito a partir dos anos 1950, e para a nosografia, com a criação dos modernos sistemas classificatórios dos transtornos mentais, em particular, o DSM-III, da Associação Psiquiátrica Americana (APA), de 1980. Embora a Classificação Internacional de Doenças (CID), da Organização Mundial de Saúde, seja a referência em todo o mundo no que tange a questões médico-legais, o DSM-III e seus sucedâneos tornaram-se o padrão internacional para o diagnóstico psiquiátrico em pesquisa. Como os Estados Unidos não têm tradição na psicopatologia – que nasceu na Europa, particularmente na França e na Alemanha, em meados do século XIX -, as descrições dos transtornos mentais nos DSMs foram feitas de forma pobre e simplista. Assim, com toda a força que a psiquiatria americana e os DSMs têm pelo mundo afora, a psicopatologia foi relegada a um segundo plano.

Nos últimos anos, coordenei diversos cursos e disciplinas de psicopatologia e ministrei um grande número de aulas sobre o tema. No programa de residência do IPUB-UFRJ, coordenei a disciplina de psicopatologia de 1996 a 1997 e de 2000 a 2016. Nos programas de residência médica e de especialização da psiquiatria do HUPE-UERJ, coordeno a mesma disciplina desde 2014 até o momento. Ministrei algumas aulas na disciplina de Psicopatologia Geral do curso de graduação em psicologia da UFRJ nos anos de 2003, 2004, 2005 e 2019. Em 2019, coordenei a disciplina de psicopatologia do módulo comum dos cursos de especialização do IPUB-UFRJ.

---

<sup>9</sup> Jeronimo J, Queiros T, Cheniaux E, Telles-Correia D. Formal Thought Disorders - Historical Roots. *Frontiers in Psychiatry*, 9:572, 2018.

No Congresso Brasileiro de Psiquiatria, promovido pela ABP, coordenei cursos sobre psicopatologia em 2004, 2005 e de 2007 a 2013. Nesses cursos, foram docentes, ao meu lado, Paulo Dalgarrondo (UNICAMP), Mário Eduardo Costa Pereira (UNICAMP), Miguel Chalub (UFRJ & UERJ); Maurício Viotti Daker (UFMG) e Guilherme Messas (Santa Casa – SP). Por fim, em 2008, coordenei um curso sobre psicopatologia na XVII Jornada da APERJ (Associação Psiquiátrica do Estado do Rio de Janeiro).

Desde de 2006, até o presente ano, coordeno a disciplina de psicopatologia do curso de graduação em medicina da FCM-UERJ. São poucos os cursos médicos em nosso país em que a psicopatologia constitui uma disciplina independente. Em geral, as funções psíquicas e suas alterações são estudadas, de forma bastante condensada, nas primeiras aulas da disciplina de psiquiatria. Na UERJ, diferentemente, a psicopatologia é ministrada no terceiro ano e a psiquiatria, no quarto. Sei que na UFF também é assim, mas não tenho conhecimento de outra faculdade com um currículo semelhante. Na disciplina de psicopatologia da UERJ, além de aulas teóricas sobre as funções psíquicas e suas alterações, há também aulas práticas, nas quais um paciente é entrevistado diante dos alunos. Vejo como um grande desafio essa coordenação, pois as dificuldades que eu e meus colegas temos enfrentado não têm sido poucas. A cada ano, recebemos de uma vez cem alunos, contando com poucos professores, poucas salas e poucos pacientes para as aulas práticas. Apesar de nossas significativas limitações, a disciplina tem agradado os alunos. No dia da última prova, eles preenchem anonimamente um questionário em que avaliam a disciplina, dando conceitos que vão de “péssimo” a “excelente” para as aulas teóricas, as aulas práticas, o livro-texto, a adequação do conteúdo programático à prática médica, as provas e a organização. Nesses últimos treze anos, considerando até 2018, apenas duas vezes um desses itens teve uma taxa de aprovação – isto é, a porcentagem de alunos que deram conceitos “excelente” ou “bom” – inferior a 50%. Além disso, os alunos dão uma nota global, de 0 a 10, para a disciplina. Nesse período, recebemos notas cujas médias variaram entre 7,2 e 8,6.

## **A interface psicanálise/neurociência**

Com a formação psicanalítica concluída e já trabalhando em duas universidades, vi a Academia como um espaço onde os meus estudos sobre a psicanálise poderiam seguir. Inicialmente, em 1999, filiei-me à linha de pesquisa *Investigação em psicoterapias*, no PROPSAM-IPUB-UFRJ, que era coordenada pelo prof. Carlos Edson Duarte. O prof. Carlos Edson, além de docente da Faculdade Medicina da UFRJ, era membro da SPRJ, da qual tinha sido presidente. Com ele, pude ver que o método experimental poderia ser aplicado também à psicanálise. Publicamos juntos alguns artigos em periódicos científicos,<sup>10</sup> mas, algum tempo depois, dei-me conta de que, no que se refere à psicanálise, o que mais me atraía era a sua interface com as neurociências. Nesse sentido, eu me sentia fiel a Sigmund Freud, que, antes de criar a psicanálise, foi neurocientista, e que, segundo muitos, criou a sua metapsicologia com base na neurociência da época.

De janeiro de 2001 a dezembro de 2002, fiz um pós-doutoramento no Programa de Engenharia de Sistemas e Computação e na Área Interdisciplinar de História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia da COPPE-UFRJ, sob a supervisão do prof. Luís Alfredo Vidal de Carvalho. O prof. Luís Alfredo realizava estudos em áreas interdisciplinares - reunindo neurociências, psicanálise, filosofia e biologia - e fazia pesquisas em neurociência computacional, que está relacionada ao “desenvolvimento de modelos matemático-computacionais realistas do cérebro”. Ele é pesquisador do CNPq desde 1992 e, embora a sua graduação tenha sido em engenharia, atualmente está lotado na Faculdade de Medicina da UFRJ, onde é professor titular.

Na COPPE, ministrei algumas disciplinas relativas à psicopatologia para alunos do doutorado, participei de algumas bancas de defesa de mestrado e doutorado e, com o prof. Luís Alfredo, publiquei alguns artigos científicos em periódicos.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> O primeiro foi: Duarte CE, Almeida CP, Souza F, Cheniaux E, Vieira IM. A psicoterapia psicanalítica do transtorno de pânico. Cadernos IPUB (UFRJ). v.9, p.193-207, 2000.

<sup>11</sup> Entre eles: Cheniaux, E, Zusman JA, de-Freitas S, de-Carvalho LAV, Landeira-Fernandez J. Psychoanalytic treatment: a neurobiological view. Psychology & Neuroscience, 4: 417-27, 2011.

A interface psicanálise/neurociência levou-me também ao prof. Landeira-Fernandez, do departamento de psicologia da PUC-Rio. Neurocientista, ele tem ampla experiência em pesquisa básica, utilizando modelos animais para investigar circuitarias neurais. Entre 2005 e 2006, ao lado dele e das professoras Flávia Sollero e Monah Winograd (também da PUC-Rio), além do médico e psicanalista Claudio Frankenthal - cujo mestrado havia sido orientado pelo prof. Luís Alfredo -, atuei como docente em um curso de extensão oferecido pela PUC-Rio intitulado *Psicanálise e Neurociência*.

Como membro da SPRJ, organizei naquela instituição duas jornadas sobre a relação entre a psicanálise e as neurociências, uma em 2005 e outra em 2010. Entre os palestrantes nos dois eventos, além de psicanalistas como Victor Manoel Andrade (SPRJ), José Cândido Bastos (Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro), Benilton Bezerra (Instituto de Medicina Social da UERJ), Flavia Sollero (PUC-Rio), Monah Winograd (PUC-Rio) e Miguel Chalub (SPRJ, UFRJ & UERJ), entre outros, estavam os neurocientistas Suzana Herculano-Houzel e Sidarta Ribeiro. Suzana Herculano-Houzel foi professora associada da UFRJ e atualmente está radicada nos Estados Unidos, trabalhando na Vanderbilt University. Sidarta Ribeiro, por sua vez, é professor titular de neurociências e vice-diretor do Instituto do Cérebro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). No último dia 05 de setembro, tive a grande satisfação de ir abraçar o prof. Sidarta, na livraria Travessa de Botafogo, no lançamento do seu livro *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho*, publicado pela Companhia das Letras. Na obra, Freud e a psicanálise são recorrentemente mencionados.

Em 2011, fui docente em um curso aberto ao público em geral na Casa do Saber, no Rio de Janeiro, intitulado *A relação entre neurociência e psicanálise: de Kandel a Freud*. Os demais professores foram Vera Lemgruber, Mario Juruena, Olavo Pinto, Fátima Vasconcelos, Fábio Barbirato, Gabriela Dias, Analice Giglioti e Gabriel Bronstein.

Em um livro sobre psicanálise, sou o autor de um capítulo sobre a sua interface com as neurociências.<sup>12</sup> Na disciplina *Metodologia de Ensino e Pesquisa II*, obrigatória no doutorado do PROPSAM-IPUB-UFRJ, sou o professor responsável pelo módulo sobre psicanálise. Nos seminários desse módulo, discuto com os alunos a aplicação do método experimental na pesquisa em psicanálise e a relação desta com as neurociências. Sempre utilizo um artigo do neurocientista Eric Kandel, ganhador do prêmio Nobel de medicina e fisiologia em 2000, que defende uma aproximação entre a psicanálise e as neurociências.<sup>13</sup> A propósito, quando o prof. Kandel foi à Academia Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro, receber o título de membro honorário, não perdi a chance de tirar uma foto com ele e de conseguir o seu autógrafo em um exemplar de um livro de sua autoria.

Embora exista uma entidade como a Sociedade Internacional de Neuropsicanálise, que reúne estudiosos de diversas partes do mundo sobre a interface psicanálise/neurociência e publica um periódico intitulado *Neuropsychanalysis*, a pesquisa sobre esse tema encontra muitas dificuldades, pois ele é rejeitado pela grande maioria tanto dos psicanalistas como dos neurocientistas. As revistas de psicanálise e as de neurociências tendem a não aceitar manuscritos sobre o assunto, e revistas interdisciplinares são raras. Historicamente, sempre houve uma rivalidade entre psicanalistas e neurocientistas, e, com o sentimento de estar “apanhando” dos dois lados, vi-me forçado a interromper – espero que de forma não definitiva – meus estudos nessa área.

Por outro lado, o estudo da interface psicanálise/neurociências levou-me a explorar outro campo do saber: a filosofia da mente. Parecia-me claro que quem poderia responder se é possível um diálogo entre a psicanálise e as neurociências não são os psicanalistas ou os neurocientistas, mas os filósofos, particularmente os que se dedicam à filosofia da mente. Isso porque é esse ramo da filosofia que se ocupa da questão mente/corpo - ou

---

<sup>12</sup> Cheniaux E. A psicanálise se reaproximando das neurociências: um retorno a Freud. In: Alberti, S & Figueiredo, AC (org.). *Psicanálise e saúde mental: uma aposta*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006, p. 101-110.

<sup>13</sup> Kandel ER. Biology and the future of psychoanalysis: a new intellectual framework for psychiatry revisited. *Am J Psychiatry* 1999; 156:505-524.

mente/cérebro - e da própria definição de mente. Além disso, sendo eu um psiquiatra, ou seja, um médico especializado em doenças mentais, eu teria a obrigação de saber o que é a mente e como ela se relaciona com o cérebro. Assim, para tentar aprender algo sobre o tema, resolvi escrever um artigo sobre filosofia da mente.<sup>14</sup> Tive como parceiro nessa empreitada o prof. Carlos Lyra, atualmente na Universidade Estadual do Ceará (UECE), que havia se graduado tanto em psicologia como em filosofia.

### **O laboratório de transtorno bipolar**

Desde o tempo da residência médica, o transtorno bipolar chamava a minha atenção. Eu ficava impressionado com o fato de um mesmo paciente, em função da mesma doença, num período, ficar alegre ou irritado e agitado, e, em outro, triste e prostrado. Intrigava-se como seria possível essa alternância entre polos opostos. Assim, fiquei muito feliz quando, em 2002, o prof. Marcio Versiani me convidou para integrar o seu programa de pesquisa sobre ansiedade e depressão, estudando especificamente o transtorno bipolar.

O prof. Versiani, falecido em 2017, foi professor titular da Faculdade de Medicina da UFRJ e diretor do IPUB-UFRJ. Destacou-se por estudos sobre o tratamento farmacológico da fobia social, do transtorno do pânico e da depressão. Dono de uma inteligência invejável e praticante contumaz de uma fina ironia, ele me proporcionou, nas oportunidades que tive de conversar com ele, muitos aprendizados sobre a psiquiatria e a vida acadêmica.

A partir do adoecimento do prof. Versiani, tive que assumir a coordenação do laboratório de pesquisa sobre o transtorno bipolar no PROPSAM-IPUB-UFRJ, onde atuo como docente e orientador de mestrado e de doutorado. O nosso ambulatório está localizado em um setor de pesquisa do ambulatório do IPUB-UFRJ, o CIPE (Centro Integrado de Pesquisa)

---

<sup>14</sup> Cheniaux E, Lyra C: The dialogue between psychoanalysis and neuroscience: what does philosophy of mind say? Trends in psychiatry and psychotherapy 2014; 36(4): 186-192.



antigo,<sup>15</sup> onde atendemos exclusivamente indivíduos que sofrem de transtorno bipolar. Cerca de 150 pacientes são acompanhados por nós. Além de alunos de mestrado e doutorado – matriculados ou em estágio probatório –, recebemos médicos residentes do próprio IPUB-UFRJ, da UERJ, da UFF e do Hospital de Jurujuba, e ainda alunos – da graduação – do Programa de Iniciação Científica (PINC) da UFRJ. Além de orientar os alunos de mestrado, doutorado e do PINC, atuo como supervisor dos médicos nos atendimentos dos pacientes e coordeno, mensalmente, a discussão de um artigo científico ou de projetos de pesquisa com toda a equipe.

As nossas pesquisas estão voltadas especialmente para aspectos da psicopatologia, minha antiga paixão, do transtorno bipolar. No momento, estamos bastante interessados na questão da variação dos níveis de energia vital e de atividade motora na mania e na depressão, algo que parece ser mais importante do que as alterações do humor, e iniciamos uma série de publicações a respeito.<sup>16</sup> Estudamos ou estamos estudando ainda vários outros temas relacionados ao transtorno bipolar, como o déficit cognitivo – particularmente da atenção –, reabilitação cognitiva, a consciência de morbidade – ou “insight” –, criatividade, a evolução no médio e no longo prazo, catatonia, a ação da lamotrigina sobre os sintomas depressivos, ansiedade, impulsividade, suicídio, mapeamento cerebral, aspectos genéticos, atividade física, terapia do esquema e terapia cognitivo-comportamental.

Ampliando o escopo de nossos estudos, estabelecemos algumas parceiras com outras linhas e programas de pesquisa, envolvendo, entre outros, o já mencionado prof. Landeira-Fernandez, o prof. Pedro Ribeiro – professor titular da UFRJ e coordenador do Laboratório de Mapeamento Cerebral e Integração Sensório-Motora do PROPSAM-IPUB-UFRJ – e, especialmente, o prof. Antonio Egidio Nardi. Adjetivos como “impressionante” ou “extraordinário” seriam pouco para descrever o currículo do prof. Nardi. Para resumir, ele é professor titular de psiquiatria da Faculdade de Medicina

---

<sup>15</sup> A edificação onde se encontra o CIPE antigo tem grande valor histórico. O local era um anexo do Hospício Pedro II, no qual funcionava o Pavilhão de Observações.

<sup>16</sup> Entre elas: Cheniaux E, Filgueiras A, Silva RA, Silveira LAS, Nunes ALS, Landeira-Fernandez J. Increased energy/activity, not mood changes, is the core feature of mania. *Journal of Affective Disorders*, v.152-154:256-61, 2014.

UFRJ e membro titular da Academia Nacional de Medicina. Pesquisador com bolsa de produtividade nível 1A do CNPq, é fundador e coordenador do Laboratório de Pânico & Respiração e do Ambulatório de Depressão Resistente do IPUB-UFRJ. Publicou mais de seiscentos artigos científicos, dez livros e mais de oitenta capítulos de livros.

A publicação relacionada ao laboratório de transtorno bipolar que teve maior repercussão foi um artigo de revisão sobre o transtorno esquizoafetivo.<sup>17</sup> Até a data de 11/08/2019, ele havia sido citado 181 vezes no Google Acadêmico, 118 na base de dados Scopus e 84 na Web of Science. O artigo chamou a atenção da Associação Psiquiátrica Americana (APA), que, durante o processo de elaboração da quinta edição de seu sistema classificatório – o DSM-5 –, me solicitou um parecer sobre a categoria diagnóstica *transtorno esquizoafetivo*. Assim, no DSM-5, o meu nome é citado entre os “revisores do comitê clínico e de saúde pública”, e, na edição brasileira,<sup>18</sup> é encontrado na página 902. O tema *transtorno esquizoafetivo*, por sinal, já havia sido abordado por mim e pelo prof. Márcio Amaral em um artigo que começou a ser produzido na época em que eu era residente, o qual é mencionado na nota de rodapé número 5 deste memorial.

Em 2013 e 2014, no PROPSAM-IPUB-UFRJ, ministrei uma disciplina eletiva para alunos do mestrado e do doutorado chamada *Aspectos clínicos e terapêuticos do transtorno bipolar*. Em 2016, no Congresso Brasileiro de Psiquiatria, coordenei um curso sobre o transtorno bipolar: *O diagnóstico e o tratamento das diferentes síndromes do transtorno bipolar*. Ao meu lado, fizeram parte do corpo docente os professores José Alberto Del Porto – professor titular da UNIFESP –, Fernando Neves - professor adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – e Mario Juruena - professor de psiquiatria no Instituto de Psiquiatria, Psicologia e Neurociências do King’s College, de Londres.

---

<sup>17</sup> Cheniaux E, Landeira-Fernandez J, Teles LL, Lessa JLM, Dias A, Duncan T, Versiani M. Does schizoaffective disorder really exist? A systematic review of the studies that compared schizoaffective disorder with schizophrenia or mood disorders. *Journal of Affective Disorders*, 106:209-17, 2008.

<sup>18</sup> American Psychiatric Association. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição, DSM-5. Porto Alegre, Artmed, 2014.

A propósito, uma consequência de minhas atividades de estudo sobre o transtorno bipolar no IPUB-UFRJ – e da divulgação delas - é que atualmente grande parte das pessoas que me procuram para tratamento no meu consultório privado sofrem ou julgam sofrer desse transtorno mental.

### **Orientação de alunos de iniciação científica, residência médica, especialização, mestrado e doutorado**

No laboratório de transtorno bipolar, no IPUB-UFRJ, fui o orientador de cerca de quinze alunos de iniciação científica, graduandos da UFRJ.

No total, orientei doze monografias de conclusão de cursos de residência médica ou especialização em psiquiatria, na UERJ, no IPUB-UFRJ e no Hospital de Jurujuba. Cinco delas tiveram como tema o transtorno bipolar.

Até o momento, no PROPSAM-IPUB-UFRJ, tenho concluídas cinco orientações de mestrado e uma de doutorado, todas relativas a estudos sobre o transtorno bipolar. É verdade que o tema principal de uma dissertação de mestrado foi a síndrome catatônica, mas no estudo se investigou especialmente a relação desta com o transtorno bipolar.

Desde julho de 2003, sou membro do corpo docente do PGCM da UERJ. Trata-se de um programa multidisciplinar, que conta com orientadores médicos e não médicos. Entre os médicos, estão contempladas várias especialidades, e, atualmente, sou o único psiquiatra.

No PGCM-UERJ, até agora co-orientei uma dissertação de mestrado e orientei três teses de doutorado. Entre os quatro alunos, três eram professores da FCM e uma, médica do HUPE. Embora eu não tenha uma linha de pesquisa mais específica no programa, todas as quatro orientações eram relacionadas a algum tema de psiquiatria ou saúde mental. A mais recente foi sobre *delirium* em unidade de terapia intensiva pediátrica.

## **A arte e os artistas para ensinar a psiquiatria**

Entre 2010 e 2011, realizei um segundo pós-doutoramento, agora sob a supervisão do prof. Landeira, na PUC-Rio. No curso de graduação em psicologia de sua universidade, ele ministrava uma disciplina eletiva chamada *Psicopatologia e cinema* e se deu conta de que faltava um livro-texto. Assim, ele me convidou para escrever com ele o livro, o que seria a minha principal atividade de pós-doutorado.

Em 2010, o livro foi publicado pela editora Artmed: *Cinema e loucura: conhecendo os transtornos mentais através dos filmes*. A obra é organizada de acordo com as modernas classificações psiquiátricas. Assim, há um capítulo sobre os transtornos psicóticos, outro sobre os transtornos do humor, outro sobre os transtornos de ansiedade, e assim por diante. Em cada capítulo são estudados os diversos transtornos mentais e discutidos filmes cinematográficos que poderiam servir como exemplos clínicos. Por exemplo, dentro do capítulo sobre transtornos do humor, falamos sobre o transtorno bipolar e discutimos o caso de senhor Jones, interpretado por Richard Gere, no filme *Mr. Jones*. No total, 184 filmes foram usados para ilustrar quase todos os transtornos mentais. O livro foi escrito em uma linguagem simples, acessível não apenas a estudantes e profissionais da área de psiquiatria e saúde mental, mas também ao leigo interessado em cinema ou curioso em relação às formas de adoecimento mental. Um detalhe importante é que o texto da quarta capa foi escrito pelo escritor e jornalista Ruy Castro.

Em 2011, o livro foi finalista do prêmio Jabuti, na categoria *ciências da saúde*. E, de fato, a obra parece ter alcançado o público leigo, pois fui convidado para falar sobre ela na TV, no *Programa do Jô* (Soares), em uma entrevista gravada e exibida em agosto de 2012.<sup>19</sup> Até o mês de maio de 2019, haviam sido vendidos mais de 12.700 exemplares do *Cinema e loucura*.

Desde 2010, a organização do Congresso Brasileiro de Psiquiatria, organizado pela ABP, tem incluído em sua programação oficial uma mesa-redonda sobre psiquiatria e cinema. Na maioria das vezes, fui o proponente da atividade, tendo atuado como relator na mesa em quase todas as suas

---

<sup>19</sup> Link para vídeo da entrevista: <https://globoplay.globo.com/v/2112130/>.

edições. Nos últimos anos, o quarteto de relatores não tem variado: além de mim, os colegas Andres Santos e José Paulo Fiks, de São Paulo, e Miriam Gorender, da Bahia. Durante todo esse período, fizemos apresentações sobre sintomas ou transtornos mentais e sobre filmes ou cineastas. Agora, em 2019, nós quatro falaremos sobre a mesma película: *Um corpo que cai*, de Alfred Hitchcock.

Em novembro de 2018, participei de um programa da ABP no YouTube, o ABP TV, intitulado *A psiquiatria no cinema*.<sup>20</sup> Estiveram ao meu lado os colegas José Paulo Fiks, de São Paulo, e Euclides Gomes, do Rio Grande do Sul.

Para alunos de mestrado e de doutorado, no PROPSAM-IPUB-UFRJ e no PGCM-UERJ, ministrei, respectivamente, as disciplinas eletivas de *Psiquiatria e cinema* e *Psicopatologia e cinema*.

Em 2012, foi realizado um grande evento no SESI-SP em homenagem ao centenário do nascimento do dramaturgo Nelson Rodrigues. Além de espetáculos teatrais, filmes e exposições, foram organizadas treze mesas-redondas, cada uma abordando um tema diferente: teatro, cinema, futebol, jornalismo etc. Entre os diversos convidados, para citar somente alguns, estavam: as atrizes Fernanda Montenegro e Nathália Timberg; os diretores de teatro Luiz Arthur Nunes e Gabriel Villela; os cineastas Nelson Pereira dos Santos e Neville de Almeida; os jornalistas esportivos Renato Mauricio Prado e Juca Kfoury; e o escritor Carlos Heitor Cony. Participei da mesa intitulada *Nelson no divã*, que abordava a relação do dramaturgo com a psicanálise, debatendo o tema com Ruy Castro – o curador do projeto –, Luiz Zanin, graduado em psicologia e jornalista do *Estado de São Paulo*, e Christiane Torloni, atriz.

Nos últimos anos, em diversas partes do país, tenho realizado palestras sobre psiquiatria e arte. Fiz apresentações sobre os cineastas Alfred Hitchcock – o “mestre do suspense, da culpa e da perversão” –, Woody Allen – e seu “personagem neurótico”, Billy Wilder e Frank Capra, sobre o pintor Vincent van Gogh – que muito provavelmente sofria de transtorno bipolar – e

---

<sup>20</sup> Link para o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=PQrAznDDDxM>.

sobre o personagem Bentinho, de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis – que teria um delírio de ciúmes. Em 2017, fui à Academia Nacional de Medicina duas vezes: primeiro, para falar sobre *Depressão no cinema*, e, depois, sobre *Transtorno bipolar e cinema*. No ano seguinte, repeti esta última apresentação no Centro de Estudos do Hospital Samaritano, no Rio de Janeiro. Em uma das minhas palestras sobre Hitchcock, no Centro de Estudos do IPUB-UFRJ, em 2014, atuou como debatedor o crítico de cinema Marcelo Janot. E, neste ano de 2019, em Belo Horizonte, na II Jornada de Psiquiatria de Ligação e Interconsulta Psiquiátrica, na mesma mesa-redonda em que eu falei sobre van Gogh, o crítico de cinema Pablo Villaça fez uma apresentação sobre cinema e psiquiatria.

A arte, graças ao seu caráter lúdico, atrai a atenção e desperta o interesse dos alunos dentro de ambientes educacionais e também de leigos, e, assim, constitui uma ferramenta de ensino bastante útil e um excelente veículo para a divulgação do conhecimento científico.

Por outro lado, o estudo sobre a vida de artistas e suas obras pode representar um caminho para uma maior compreensão sobre o transtorno bipolar, a minha principal área de pesquisa. Alguns livros<sup>21</sup> e artigos científicos apontam uma relação entre este transtorno mental e criatividade – tema de pesquisa de uma aluna minha, atualmente em estágio probatório de mestrado. Nesse sentido, nas biografias de muitos artistas bem-sucedidos são encontrados com grande frequência relatos de prováveis episódios de mania e de depressão, e ainda de suicídio. Além disso, quando se aplicam os modernos critérios diagnósticos, a prevalência de transtorno bipolar entre escritores e artistas é maior do que entre controles não criativos; e, por fim, quando se comparam bipolares com outros pacientes psiquiátricos, são encontrados maiores índices de criatividade entre os primeiros.

---

<sup>21</sup> Entre eles: Jamison KR. *Touched with fire: manic-depressed illness and the artistic temperament*. New York: The Free Press, 1993.

# UMA CARREIRA EM PARALELO: ESCRITOR

O *Cinema e loucura* é um livro misto: em parte técnico, sobre psiquiatria; em parte para leigos, sobre cinema. Assim, acredito que ele tenha representado não somente um estímulo, mas também uma transição para a minha incursão na literatura não científica.

Em 2012, fui aceito como sócio titular da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (SOBRAMES) – regional do Rio de Janeiro. Fundada em 1965, a SOBRAMES é uma associação cultural, sem fins lucrativos, que congrega médicos que se dedicam à literatura não científica.

Em 2015, publiquei, pela editora Prospectiva, *O Antifacebook: meus encontros e desencontros com Woody Allen, Hitchcock, Freud, Deus, o Flamengo, as mulheres e... comigo mesmo*. Trata-se de um livro de autoficção, que apresenta 24 textos de humor, num formato de crônica, ou seja, curtos e escritos em primeira pessoa.

E, neste ano de 2019, publiquei, pela editora Autografia, o meu quinto livro, o segundo não técnico. O seu título é *Woody Allen: seus filmes são mesmo autobiográficos?*. A obra conta com prefácios dos críticos de cinema Marcelo Janot, de O Globo, e Ana Rodrigues, do Jornal do Brasil. No *Cinema e loucura*, vários filmes do diretor e roteirista nova-iorquino haviam sido utilizados para ilustrar os transtornos mentais, mas, neste livro mais recente, nada há praticamente de psiquiatria. O meu livro sobre o Woody Allen, embora não seja científico, segue, de forma disfarçada, a estrutura de um artigo científico. Primeiramente, refere-se ao contexto: “São tantos os fãs, jornalistas e críticos de cinema que juram que seus filmes são uma cópia fiel de sua vida, que volta e meia o cineasta se sente obrigado a rebater essa ideia”. Em seguida, é apresentada uma hipótese, que é o título do livro, e o objetivo: discutir “se o cinema de Woody Allen é resultado unicamente de sua enorme criatividade ou se seus filmes representam uma mera reprodução disfarçada de sua biografia”. Depois, o método: “foram analisados os

cinquenta filmes cinematográficos que Woody escreveu ou dirigiu, até *Roda gigante* (2017), e foram consultados diversos livros e artigos sobre sua vida e sua obra, assim como entrevistas concedidas por ele, em busca de pontos de convergência entre seu cinema e sua história pessoal”. Por fim, são descritos os resultados dessa comparação entre obra e biografia, há uma discussão e se chega a uma conclusão.

## PERSPECTIVAS

É sempre importante não estarmos satisfeitos com o que conseguimos e almejarmos continuamente um maior desenvolvimento e o enfrentamento de novos desafios. Com relação à linha de pesquisa sobre o transtorno bipolar, faz-se necessário investir em um maior número de publicações, especialmente em periódicos de maior fator de impacto, incrementar as parcerias com outras linhas de pesquisa do PROPSAM-IPUB-UERJ e de outros programas e buscar colaborações com centros de outros países, além de aumentar o número de dissertações de mestrado e teses de doutorado orientadas.

Uma opção interessante seria usar também o ambulatório de psiquiatria do HUPE-UERJ para a pesquisa sobre o transtorno bipolar, o que ampliaria as amostras dos estudos clínicos e permitiria a participação dos residentes - médicos e psicólogos - e alunos da graduação de lá. Além disso, a minha linha de pesquisa poderia se vincular ao PGCM-UERJ.

Outra ideia é produzir um livro sobre o transtorno bipolar, reunindo os resultados encontrados por mim e meus alunos em nossas investigações e publicados anteriormente sob a forma de artigos.

Com a reforma do currículo do curso de medicina da FCM-UERJ, agora há espaço para disciplinas eletivas. Assim, penso em propor a disciplina *Psiquiatria e arte*, ou, se conseguir uma parceria com professores de outras especialidades, *Medicina e arte*.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando em retrospecto a minha trajetória acadêmica, acredito que, pelo menos em parte, consegui sair do lugar-comum. Digo isso no sentido de que algumas das minhas atividades tiveram e têm aspectos atípicos, peculiares. Nesse sentido, dediquei-me à psicopatologia em um momento em que essa disciplina estava em baixa, voltei-me para as neurociências na contramão da maioria dos meus colegas psicanalistas e usei a arte para ensinar a psiquiatria, além de ter escolhido a carreira docente tendo a timidez como um traço de personalidade. Tentei ser criativo, buscando conexões menos óbvias, como as entre cinema e psiquiatria, arte e medicina, psicanálise e neurociência, literatura científica e não científica, a biografia de um artista e a sua obra. Segui esses caminhos não por querer ser diferente, mas porque eles me deram e dão prazer. Faço palestras, digamos, mais sérias, mostrando gráficos e números, mas, confesso, prefiro exibir uma cena engraçada de um filme do Woody Allen para ilustrar o que é a hipocondria, por exemplo. Sem dúvida, numa aula é essencial a transmissão de informações, porém, julgo eu, é de grande importância que a experiência de ensino seja agradável e afetivamente significativa tanto para o professor como para os alunos. E, com o passar dos anos, acabou-se o medo, e falar em público se transformou em uma grande satisfação para mim.

Recentemente dei-me conta de que o uso da arte nas minhas atividades acadêmicas tem um caráter de circularidade. Usar Machado de Assis, Nelson Rodrigues, Vincent van Gogh, Alfred Hitchcock e Woody Allen, entre outros, para ensinar psiquiatria me remete à minha adolescência, faz-me retornar aos meus antigos ídolos e suas obras, os quais foram justamente os inspiradores de minhas escolhas pela psicanálise, pela medicina e pela psiquiatria.

Diante disso, não vejo como um desvio de rota a minha incursão na literatura não científica. Até porque, em grande monta, foi a redação de

trabalhos científicos que fez com que eu desenvolvesse a habilidade para a escrita de uma forma geral. Antes dos meus primeiros artigos sobre psiquiatria, eu não tinha por hábito escrever. Acredito que tenha sido a literatura científica que me ensinou a organizar o pensamento, escolher com precisão as palavras e redigir com clareza, sempre tendo em mente o leitor. E foram estes progressos que me encorajaram a me arriscar em outras áreas.

Para concluir, volto a falar em circularidade. Na UERJ, tenho a satisfação e o orgulho de trabalhar onde fiz a graduação. Como coordenador e professor da disciplina de psicopatologia, o meu contato com os alunos do terceiro ano médico é bastante próximo. Em muitos momentos, vejo neles o Elie de anos atrás, dando os seus primeiros passos na psiquiatria, com todos os anseios, dúvidas e inquietações inerentes a essa fase tão precoce da carreira médica. Espero que esta identificação esteja me ajudando a me tornar um bom professor.